

AS CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS: RELATANDO EXPERIÊNCIAS DE UM TEMA DE PESQUISA

Joelma Marques da Silva Andrade¹
Gabriele dos Santos Azevedo²

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de relatar reflexões de práticas pedagógicas, em se tratando de vivências durante o desenvolvimento do tema de pesquisa “Formigas” em uma turma de Nível III. O Lócus desse estudo se deu no Centro de Educação Infantil Maria Luiza Santos de Souza, localizado na cidade do Natal/RN. Nesse estudo buscamos ainda, refletir sobre a importância da criança como protagonista do processo de ensino e aprendizagem, dando importância às experiências significativas e a reflexão infantil acerca das questões levantadas a partir de um acontecimento real vivido pelo grupo. Fazemos, portanto, uma crítica às instituições de Educação Infantil, em que os temas de pesquisa e assuntos abordados partem dos adultos e não dos interesses do grupo de crianças, o que torna as abordagens desinteressantes, uma vez que as crianças ficam como meros espectadores ao invés de protagonistas nesse processo de formação. Nesse sentido, esse estudo tem uma natureza qualitativa, em que compreendemos todo o processo de observações e estudos para a sua construção. Nos pautamos nas fundamentações teórico-metodológicas como o DCNEI (2010) e a BNCC (2017), documentos norteadores para a Educação; OLIVEIRA (2002), no entendimento da construção social da crianças; e, KRAMER (2006), com a perspectiva de criança enquanto sujeito histórico e social.

Palavras-chave: Tema de pesquisa, Crianças bem pequenas, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil é comum organizarmos projetos pedagógicos para trabalhar com as crianças como se elas fossem todas iguais e, de igual modo, sentarmo-nos por nível como se elas tivessem as mesmas necessidades e curiosidades de aprendizagem. No entanto, a contraponto, Kramer (2006, p. 15) traz as crianças como “[...] sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas”, nesse sentido, compreendemos as crianças enquanto sujeitos globais, interativos, sociais e capazes.

Sabemos, portanto, que cada um de nós é um ser individual e que apesar de vivermos em sociedade, trazemos naquilo que somos, as experiências vividas por meio das interações

¹ Educadora Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN,
joelmaandrade14@gmail.com;

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,
gabrieleazevedo13@gmail.com.

que acontecem entre nossos familiares, amigos, trabalho, escola, com o ambiente etc. Sobre esse aspecto, Oliveira (2002), ao discutir o desenvolvimento humano em Vigotsky, comenta:

Segundo Vigotsky, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através da história humana em um contexto social determinado. Enquanto os animais agem e reagem à natureza de uma forma sensorial instintiva, o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos por meio do trabalho coletivo no qual interage com outros homens. (OLIVEIRA, 2002, p. 127).

Tal constatação, esquecida por parte significativa de nós educadores, seja pela comodidade, pela falta de tempo, pelo desconhecimento ou pelo desencantamento da Educação, traz desconforto quando compreendemos a criança na sua integralidade e como sujeito ativo, singular – mesmo que compreendendo-o como global – e criativo no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, Corsino (2006, p. 57), nos mostra que “É na singularidade e não na padronização de comportamentos e ações que cada sujeito, nas suas interações com o mundo sociocultural e natural, vai tecendo os seus conhecimentos”, é a partir do outro e do meio que as crianças constroem os seus conhecimentos e atribuem os seus sentidos próprios às coisas que estão ao seu redor.

Pensar nas crianças da Educação Infantil como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem significa comungar com o que afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, que definem a criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, 12).

Pensamento que se alinha à criança da Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular³ – BNCC (BRASIL, 2017, p. 37):

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às

³ Documento que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p. 37).

Sendo assim, nossa pretensão estende-se à reflexão de práticas pedagógicas, em se tratando de vivências durante o desenvolvimento do tema de pesquisa “Formigas” em uma turma de Nível III, cujo sujeitos têm entre 3 e 4 anos de idade. Nesse processo, se apresentam desafiadoras e distintas experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de compreender as relações que possuem com a natureza.

METODOLOGIA

Para a construção desta pesquisa, tomamos como ponto de partida as vivências e observações em uma turma de Nível III, do Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI Professora Maria Luiza Santos de Souza, que está localizado na cidade do Natal/RN, sendo esse o Lócus do nosso estudo. Com base nisso, tomamos como recorte dessas observações, a discussão sobre reflexões acerca do desenvolvimento do tema de pesquisa “Formigas”.

Utilizamos também, estudos e revisão da literatura para a fundamentação teórico-metodológicas dessa pesquisa, em que nos pautamos, principalmente, no que nos traz o DCNEI (2010) e a BNCC (2017), documentos norteadores para a Educação; OLIVEIRA (2002), no entendimento da construção social da crianças; e, KRAMER (2006), com a perspectiva de criança enquanto sujeito histórico e social.

Esse estudo tem uma natureza qualitativa, pelo fato de compreender que todo o processo é importante e significativo para a sua construção. Nessa perspectiva, entendemos aquilo que nos vem afirmar Silva, Barbosa e Kramer (2008, p. 81), no sentido de compreender que “[...] por trás do dado, há sempre um rosto, um corpo, um sujeito”.

DESENVOLVIMENTO

Uma prática já incorporada ao nosso cotidiano docente refere-se a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza. O surgimento do tema “Formigas” para pesquisa na turma se deu das observações que costumeiramente fazemos: como está o tempo? Como está o céu? Vamos sentir o vento? Por que chove? E muito especialmente na ocasião que fomos ao nosso jardim para regar as nossas margaridas.

Logo que chegamos ao jardim começaram muitas falas de decepção: “professora pisaram!”, “não, cortaram!”, “tá tudo bagunçado!”. Afinal, as crianças haviam participado de todo o processo da plantação das margaridas. Escolhemos o espaço, aramos a terra, adubamos, plantamos e cultivamos diariamente por aproximadamente seis semanas, na expectativa de ver as flores crescerem. Mas, os galhos haviam sido cortados milimetricamente.

Mais calmos, sentamo-nos na sombra de uma árvore da escola e levantamos algumas hipóteses: foram outras crianças que pisaram sem querer; foi o jardineiro, cortou sem saber que era nosso, pois achou que era mato. Mas, cada uma delas foi sendo descartada.

Então indagamos: será que foram as formigas? será que elas comem margaridas? As crianças ficaram curiosas e respondendo às perguntas, passaram a fazer outras perguntas: “aqui tem formiga?”, “onde elas moram?”. Em resposta a isso, algumas crianças disseram: “no buraco”, “no formigueiro”, “não, elas não gostam de folhas”, “elas comem doce”, “nada disso! Elas comem plantas porque sentem fome”, “foram elas”. Desse modo, de acordo com Abreu, Ferreira e Freitas (2017, p. 5), o professor

[...] passa a atuar em um papel mais ativo, não aquele que oferece respostas prontas, mas no que media a construção de novos conhecimentos, apontando caminhos e possibilidades, na tentativa de criar condições para que juntamente com os alunos, possa organizar os conhecimentos. (ABREU, FERREIRA e FREITAS, 2017, p. 5).

Nesse sentido, percebemos, portanto, que acontece um encadeamento de ideias bem estruturadas por meio da mediação da professora, na qual é possibilitado diálogos e interação entre as crianças, o que auxilia no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Desse modo, Oliveira (2002, p. 153), nos mostra que pode acontecer de as ideias da criança aparecer “[...] mesclada com os seus desejos, lembranças e rotinas. [...] as crianças muitas vezes reúnem elementos de experiências anteriores e os ajustam a aspectos distintivos de cada situação”, essa reflexão nos traz a compreensão de ser mediadores nos momentos de diálogos, oportunizando uma organização dessa fala que surgem entre a criança e o outro.

Começamos a procurar pelo jardim e tivemos uma grande surpresa. Havia muitos formigueiros. Ficamos ao redor de alguns, e as crianças começaram a levantar hipóteses: “elas moram aqui”; “elas comem folhas”; “tem a rainha”; “a rainha?”, “é! Ela é a mãe”, “então tem pai”, “tem o rei do castelo”, “Não. O rei do formigueiro”. O professor enquanto mediador desse processo de ensino-aprendizado, pergunta: “E o formigueiro é feito do quê?” Ao passo que as crianças respondem: “de areia”, “lá dentro tem prato e comida”, “tem formiga na minha casa e aqui no jardim”.

Após chegarmos à conclusão de que foram as formigas que comeram as margaridas e tendo por base todo o envolvimento das crianças com esse momento, propusemos a elas pesquisar e conhecer melhor as formigas. As crianças ficaram empolgadas e nós partimos para a pesquisa do tema, focando, principalmente, nas afirmativas e questionamentos levantados por elas, tornando-as protagonistas nesse processo de construção de conhecimentos. Entre os assuntos mais abordados estava: reprodução, habitat, alimentação, tipos, cores, anatomia, no qual tomamos como eixo as interações e as brincadeiras para que as crianças pudessem compreender melhor o tema de pesquisa estudado.

Sobre o ponto de partida da pesquisa está na escuta das crianças, Silva, Barbosa e Kramer (2008), afirmam:

Por se constituir sob um campo das ciências humanas e sociais, na pesquisa com crianças pesquisamos sempre relações (Vigotsky, 1984), o que torna fundamental ver e ouvir. Ver: observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho e a técnica. Ouvir: captar e procurar entender; escutar o que foi dito e o não dito, valorizar a narrativa e entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender os gestos, discussões e ações. Esse aprender de novo a ver e ouvir (a está lá e está afastado; a participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação) se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzida na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano. (BARBOSA, SILVA; KRAMER, 2008, p. 86)

Outra preocupação em nossa pesquisa, era pensar em atividades que incentivassem a curiosidade e a criatividade das crianças, que permitissem a imersão delas nas diferentes linguagens, por meio do uso e domínio de vários gêneros textuais orais e escritos, bem como das múltiplas formas de expressão, seja elas: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; além de experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita. Com base nisso, Lopes e Vieira (2012, p. 3), nos mostram que a linguagem é aprendida ao passo que a criança vai “[...] vivenciando, praticando, falando e ouvindo, produzindo textos orais e escritos; buscando dizer algo e buscando compreender o que é dito em diversas situações, com diversos motivos e estratégias”.

Um dos momentos mais significantes no projeto, foi quando propusemos às crianças que saíssemos a coletar formigas pela escola. Antes, solicitamos aos pais que trouxessem um recipiente de vidro para a coleta e combinamos com a coordenação o empréstimo de uma lupa. É verdade que nem todos os pais trouxeram o pote e que a lupa não chegou a tempo, mas as crianças adoraram a ideia de serem coletoras de formigas.

Ainda na roda, mostramos a lupa no celular e explicamos que ela tinha grau e aumentava o tamanho na nossa visão, que era como um óculos, mas que não a tínhamos. Logo, uma das

crianças propôs: “por que não fazemos uma?”. E começaram a surgir ideias: “você faz a rodinha assim com tesoura e papel”; uma das crianças indaga: “e para segurar?”, outra responde: “um pauzinho”; e então a professora pergunta: Mas não vai ter grau? E tem como resposta: “é de brincadeira professora!”.

E após todos estarem com sua lupa de brincadeira – feitas por eles –, saímos a observar e coletar formigas. No momento de compartilhamento de quais formigas foram coletadas, percebemos/analizamos que no vidro vieram formigas pretas grandes e pequenas, vermelhas ou marrons e com “garras”, que aliás logo descobrimos chamar-se mandíbulas. Também descobrimos que todas elas possuem seis patas e que seu corpo possui cabeça, com antenas, o tórax e o abdômen.

Em outro momento de atividades durante o tema de pesquisa, convidamos um voluntário, que deitado sobre o papel, teria o corpo contornado. Depois todos iriam completar com as partes que faltavam, para, em seguida pensarmos nas semelhanças e diferenças entre o nosso corpo e o corpo das formigas. Em seguida, passamos a desenhar formigas, mas não podíamos esquecer as partes de seu corpo. Nesse momento, fizemos intervenções como: são quantas patas? E a cabeça, tem antenas? Não falta uma parte? E o tórax? Olha a formiga do vidro!

Essa intenção, ainda nos levou a dispor para as crianças diferentes materiais de sucata, e o desafio era que encontrassem objetos, que encaixados ou colados, formassem o corpo de uma formiga. Elas tentaram de muitas maneiras e criaram alternativas bastante interessantes: para as patas, palitos de churrasco; para os olhos, tampinhas de cola; para a cabeça, cd e/ou tampas de shampoo; para o corpo, garrafa pet e recipientes maiores, foi uma experiência em que as crianças construía e compartilhavam suas produções. Também surgiram outras perguntas: “se a formiga come, também faz cocô?”, “e xixi?”, “elas dormem? Porque a gente dorme!”. Mas essas eram perguntas para serem respondidas em outra das nossas rodas de conversa.

Com o texto informativo “Formigas e outros insetos urinam como os seres humanos?”, publicado pelo site Super Interessante (2018), descobrimos que elas eliminam água e ácido úrico junto com o cocô, e que dormem, mas pouco. As operárias dão pequenos cochilos e as rainhas, dependendo da espécie, chegam a dormir até nove horas por dia.

Nesse momento, pensamos em colocar para o grupo a nossa curiosidade – por que, ao se encontrarem, as formigas param? será que elas se comunicam? Mas, essa não era a curiosidade das crianças e, como pesquisadoras, assim como Silva, Barbosa e Kramer (2008, p. 91 apud Bakhtin 2003, p. 23) afirmam:

[...] devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele.

Com essa consciência preferimos esperar e respeitar o tempo/espço/interesses das crianças. Avançando, partimos para outra reflexão.

Uma das crianças havia afirmado que existiam formigas no jardim e na casa dela. Já outras discutiram sobre o que comiam: “elas comem folhas porque estão com fome”, “não, elas comem doce, pão, biscoito”. Outra ainda, mencionou que no formigueiro havia prato e comida. Sobre essas questões, oportunizamos as crianças com dois momentos específicos: a leitura do texto “O que comem as formigas?”, e a exibição do vídeo “Formidável formiga”, do show da Luna. Aqui aprendemos, nós e as crianças, que as formigas não comem folhas, biscoito ou pão. Elas levam os alimentos para o formigueiro, e estes em decomposição, possibilitam a proliferação e crescimento de um fungo que lhes serve como alimentação.

Sobre esse aspecto, constatamos a resistência de um dos pais: “Que história menino? formiga só come folha e restos de comidas!”. Essa afirmação nos possibilitou uma reflexão concernente ao conhecimento dos pais, pois eles “[...] precisam conhecer e discutir os objetivos da proposta pedagógica e os meios organizados para atingi-los, além de trocar opiniões sobre como o cotidiano escolar se liga a esse plano” (OLIVEIRA, 2002, p. 181).

É bem verdade que uma conversa com os pais já havia ocorrido, mas é sempre bom manter o diálogo contínuo, pois no decorrer das ações sempre ocorrem novos fatos e devemos estar atentos e abertos à novas possibilidades. Aqui nos referimos a dois momentos: primeiro, o dia em que uma aluna trouxe um formigueiro dentro de um vidro, e o segundo, o dia em que as crianças começaram a produzir uma música.

Um formigueiro no vidro passou a ser o centro das atenções e não poderíamos ignorá-lo. Acolher e incorporar ao planejamento daquele dia foi certamente uma opção que considera importante a fala, o interesse e ação das crianças. Com o formigueiro no centro da roda, solicitamos que a aluna que o trouxe, explicasse como conseguiu fazer tal proeza. No início, ela se retraiu, mas com nossa intervenção – respeitando seu tempo/espço – descobrimos que a mãe foi a grande ajudante. E, lógico que ela não falou sozinha, pois todas as crianças participaram da conversa e nós aproveitamos a oportunidade para explorar a curiosidade: por que a tampa do recipiente está cheio de furos?, aí dentro tem uma rainha?, ela é diferente? Olha, são saúvas da roça, só levam folhas para o formigueiro. E formigas comem o quê? Entre

respostas, alguém disse: “comem ratos”, e aproveitamos para esclarecer: insetos ou bichinhos, formigas se alimentam dos fungos.

Já a produção da música, surgiu durante nossa conversa sobre a reprodução, mas isso também tem sido uma ação pedagógica diária. Todos os dias as crianças cantam e dançam na roda inicial. Nesse momento procuramos ampliar os repertórios de canções tradicionais e folclóricas, além de introduzir obras mais recentes. E da mesma maneira, costumamos fazer paródias, brincar com o som das palavras através das rimas e trava-línguas, intencionando a imaginação, a criação. Sobre isso, Oliveira (2002, p. 162), argumenta: “A imaginação desenvolve-se por toda a vida. Ela é livre, embora ainda pobre na criança, ao passo que o adulto, por ter uma experiência mais diversificada, pode experimentar uma função imaginativa extremamente rica e madura”.

Assim, as crianças criaram a letra e fomos registrando: “A tanajura voa, voa lá chuva”, “não Tia, nas alturas! “A tanajura voa, voa nas alturas (bis) e quando ela se encontra com a formiga macho”, uma criança diz: “é melhor o tanujuro”, a professora acrescenta: “acontece o beijo nupcial, e? as asas caem”. E, continuam a produção: “então vai procurar uma casa pra morar, constrói um formigueiro, faz isso bem ligeiro, lá põe os seus ovinhos e uma mágica se dá. Larva, pupa, adulta que passa a trabalhar”.

De igual modo a criação, percebemos a satisfação, a alegria de estar sendo ouvida, pois “Há recíproca vinculação entre imaginação e emoção. Ao mesmo tempo em que as imagens da fantasia selecionam e recombina elementos da realidade segundo o estado interior do indivíduo, os sentimentos e alegrias de personagens imaginários os emocionam” (OLIVEIRA, 2002, p. 162).

Esses dois momentos foram registrados por nós e pelas crianças. O formigueiro de vidro foi como atividade de casa: elas tinham que contar aos pais o que aconteceu e registrar o momento. Já a música, nós retomamos a sua escrita para proceder com alguns ajustes e decidimos substituir: “formiga macho por tanujuro” e “na chuva por nas alturas”. Houve, então, revisão e reelaboração desse texto, segundo a competência VII do eixo de Produção de textos escritos (PRÓ-LETRAMENTO, 2008).

Com base nisso, ressaltamos que elegemos para a leitura com as crianças os livros: “A Formiga e a Neve”, “A cigarra e a formiga” e “Confabulações em Cordel: a Formiguinha Perdida”, o que os aproxima da literatura, da imaginação, e da relação com o texto escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, com base no exposto sobre o desenvolvimento do tema de pesquisa “Formigas”, percebemos que houve alguns aspectos da rotina que se fizeram mais evidentes, como: a roda de conversa, por ser um momento que possibilita muitos diálogos, interação e aprendizados. Nela, podemos ouvir o que as crianças pensam a respeito delas próprias, do outro e do mundo, além de sermos ouvidos, podemos nesse momento também, apresentar a proposta daquele dia, ler um texto, cantar uma canção, dançar, refletir sobre a escrita, propor um jogo ou uma brincadeira.

Nessa perspectiva, Oliveira (2002, p. 168), explana que “O valor das experiências infantis e os “perigos” e “benefícios” de seu ambiente não podem, assim, ser separadas da realidade cultural em que as crianças se desenvolvem, dos valores e objetivos que orientam suas vidas, suas experiências iniciais e trajetórias futuras”, dessa forma, é no momento da roda de conversa que nos aproximamos mais das crianças, é onde acontece distintas interações, que possibilita compreender as crianças enquanto sujeitos que possuem história, que são capazes e que são cheias de saberes.

Foi na roda que começamos a conhecer o que as crianças sabiam – conhecimentos prévios – e o que precisavam acrescentar ao seu conhecimento. Com isso, é importante relatar que o tema de pesquisa surge das inquietações e curiosidades das crianças, de modo que os conhecimentos sejam ampliados e não somente um aglomerado de ideias, ou seja, esse conhecimento é construído em todo processo de investigação do tema, de modo que ele faça sentido para as crianças (RÊGO, 1999).

Assim, as crianças foram convidadas a desenhar sobre as formigas. Nesse momento, apareceram formigas com muitas e poucas patas, apenas com cabeça e duas patas, ou com formas indefinidas, dessa maneira, percebemos o quanto “A linguagem do desenho permite às crianças inventarem e experimentarem suas ideias, suas ações, seus desejos e seus sentimentos expressos de formas variadas, deixando transparecer as suas emoções e o seu imaginário” (PILLOTTO, SILVA e MOGNOL, 2004, p. 4).

Em relação a esse processo de construção do conhecimento, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998, p. 21), evidencia que “[...] as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar”, ou seja, as crianças se expressam e expõem seus conhecimentos por meio de gestos, desenhos, da oralidade, bem como das

interações entre ela, o outro e o meio, nessa perspectiva, o professor deve estar atento a todas as interações que acontecem no espaço escolar.

Essa intenção também é estendida à reflexão da produção do traçado, pois parte do grupo ao desenhar, não faz exigência nos detalhes: o rosto, sem nariz ou olhos, o corpo apenas com a cabeça de onde saem os braços, que aliás não possuem mãos ou dedos. Entendemos que a produção escrita está ligada à cognição, mas a capacidade de reflexão precisa ser instigada, pois intencionalmente podemos auxiliar nesse amadurecimento. Sobre esse aspecto, Oliveira (2002), aponta:

A criança, contudo, tem dificuldade para articular os conteúdos provenientes das diversas fontes não apenas em virtude de um estado de imaturidade cerebral, mas também pela heterogeneidade de experiências a que cada conceito se refere. Na verdade, os ambientes linguísticos em que ela se insere desempenham papel fundamental no aumento ou superação das confusões, o que novamente desloca o olhar sobre a criança, vista isoladamente, para o contexto em que ela vive. (OLIVEIRA, 2002, p. 154-155).

Desse modo, percebemos o quanto o tema de pesquisa “Formigas” possibilitou a criança ser protagonista do seu aprendizado, uma vez que, ela pôde participar, dialogar, compartilhar suas opiniões e interagir com o outro e com o meio social em que estava inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, buscamos evidenciar as crianças enquanto protagonistas no processo de ensino-aprendizado, trazendo, portanto, alguns relatos importantes durante o percurso de desenvolvimento do tema de pesquisa “Formigas”. Com isso, destacamos que compreendemos que o protagonismo da criança se faz necessário em todas as etapas da Educação Infantil, pois é dessa forma que elas se encontram como sujeitos ativos da sociedade, ao passo que se constroem como sujeitos críticos, reflexivos e participativos.

Ressaltamos ainda, que o tema de pesquisa possibilita uma interação maior da criança com o seu objeto de estudo, de modo que elas dão sentidos próprios aos signos que perpassam na sua rotina. Dessa maneira, o professor tem um papel fundamental, pois ele, enquanto mediador, possibilita – estrategicamente – o desenvolvimento das crianças.

Nessa perspectiva, o auxílio da mediação da professora, elas puderam desenvolver aspectos relacionados às: linguagens, entendendo essa como múltiplas/ampla; sociais e culturais, em que trazem conhecimentos do seu cotidiano para as discussões em sala de aula; afetivos, ao passo que foi proposto atividades de aproximação com o objeto de estudo e com o

outro; cognitivos, no qual foi oportunizados a ampliação dos conhecimentos das crianças, entre outros.

Por fim, destacamos a importância de o tema de pesquisa partir das inquietações e curiosidades das crianças, pois elas podem se envolver, questionando e contribuindo com o grupo, construindo, portanto, conhecimentos que serão ampliados e utilizados futuramente. Dessa forma, é de suma importância que haja estudos voltados para às crianças e seus interesses, bem como um olhar relacionados aos seus conhecimentos, as interações e, principalmente, as suas falas.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. B.; FERREIRA, D. T.; FREITAS, N. M. da S. Os três momentos pedagógicos como possibilidade para inovação didática. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 2017.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. In: BARBOSA, Silvia N. F.; SILVA, Juliana P. da.; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Silvia N. F.; SILVA, Juliana P. da.; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Silvia H. V. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. In: Referencial curricular nacional para a educação infantil. (Introdução; Formação pessoal e social); Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 09 de agosto de 2019.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: Ensino Fundamental de nove anos; orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

E os insetos, como será que fazem cocô?. **Mega curioso**. Publicado em: 24 de março de 2017. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/animais/102195-e-os-insetos-como-sera-que-eles-fazem-coco.htm>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

Formigas e outros insetos urinam como os seres humanos?. **Super Interessante**. Redação Mundo Estranho. Publicado em: 04 de julho de 2018. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/formigas-e-outros-insetos-urina-como-os-seres-humanos/>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: Ensino Fundamental de nove anos; orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

LOPES, D. M. de C. L.; VIEIRA, Giane B. Linguagem, Alfabetização e Letramento: o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. UFRN; CONTINUUM – Programa de Formação continuada do professor para a educação básica. Curso de Aperfeiçoamento “Infância e ensino fundamental de nove anos”. Módulo III – Linguagem, Alfabetização e Letramento. Natal: UFRN/CONTINUUM, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. A construção social da criança. In: Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

O que comem as formigas?. UOL. Publicado em 12 de outubro de 2009. Disponível em: <http://cliqueaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=20356>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SILVA, Maryahn Koehler; MOGNOL, Letícia T. Grafismo infantil: linguagem do desenho. Florianópolis: **Revista Linhas**, v. 5, n. 2, 2004.

PRÓ-LETRAMENTO. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. O currículo em movimento. Caderno Faça e Conte. Natal: EDUFRN, nº 02, 1999.

5 verdades sobre o sono das formigas, um dos maiores mistérios do mundo animal. **Insetan dedetização**. Disponível em: <https://www.dedetizacaoinsentan.com.br/5-verdades-sobre-o-sono-das-formigas-um-dos-maiores-misterios-do-mundo-anim/>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.